

Espelhos de verdade(s)

Dialéticas relacionais

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo: A questão da verdade, que outrora era principalmente um alto problema filosófico, ganha nos nossos dias contornos diversos, e surpreendentes até: desde a indiferença à verdade, ao erro, à falsidade e à mentira, até às campanhas informativas e políticas de *fake news*, e à dita “pós-verdade”. Curiosamente, há quem lide mal com a selva obscura de propagandas e meias-verdades, hipocrisias, alienações e ilusões. É no terreno político e da persuasão partidária que mais se evidencia, hoje, o choque de verdade e inverdade, com múltiplas reações a considerar. O presente artigo, seguindo algumas pistas sociológicas e psicológicas empíricas, centra-se na lição de Descartes (em diálogo com Husserl) na sua *démarche* para fugir ao engano e procurar o verdadeiro, e recorda o diálogo entre Napoleão e Goethe, na interpretação de Alain: um fanérico e transparente, o outro fechado. O problema da verdade (e também da verdade política) é além do mais o da capacidade de revelar ou esconder (ou dissimular).

Palavras Chave: Verdade, *Fake news*, Hipocrisia, Persuasão, Retórica política.

Abstract: The question of truth, which was once mainly a high philosophical problem, takes on different, and even surprising, contours in our days: from indifference to truth, error, falsehood and lies, to informative and political fake campaigns news, until the so-called “post-truth”. Curiously, there are some people who deal poorly with the dark jungle of propaganda and half-truths, hypocrisy, alienation and illusions. It is in the political field and partisan persuasion that the clash of truth and untruth is most evident today, with multiple reactions to consider. This article, following some empirical sociological and psychological clues, focuses on Descartes' lesson (in dialogue with Husserl) in his *démarche* to escape deception and seek the true, and recalls the dialogue between Napoleon and Goethe, in the interpretation of Alain: one obvious and transparent, the other closed. The problem of truth (and of political truth) is also that of the ability to reveal or hide (or dissimulate).

Keywords: Truth, Fake news, Hypocrisy, Persuasion, Political rhetoric.

Toutefois il se peut faire que je me trompe, et ce n'est peut-être qu'un peu de cuivre et de verre que je prends pour de l'or et des diamants. Je sais combien nous sommes sujets à nous méprendre en ce qui nous touche, et combien aussi les jugements de nos amis nous doivent être suspects, lorsqu'ils sont en notre faveur.

Descartes, *Discours de la méthode...*, I.

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal. Professor Catedrático da Universidade do Porto (em licença para o exercício da magistratura).^[1]_[SEP]

I

Sociedade, jogo de espelhos

Uma abordagem apesar de tudo ainda bastante em voga (embora passada para segundo plano em alguns círculos pela ordem do dia identitária e afim) é a que parte de um ponto de mira ancorado numa perspetiva social ou cultural / civilizacional.

Pode explicar-se muita coisa com o conhecido dito da fábula de La Fontaine “*Si ce n'est toi, c'est donc ton frère.*”². Interpretando-se metaforicamente o irmão de alguém como a sua *entourage*, a sua radicação de classe ou de cultura, etc. Uma das formas mais simples de caracterizar a sociedade atual, anterior mesmo a que se lhe chamasse sociedade de consumo, de massas, técnica, pós-moderna ou de risco (só para recordar alguns exemplos) é dizê-la (alternativamente de forma objetiva ou pejorativa – que as duas são possíveis, e mesmo no caso desta última de sinais ideológicos diversos) “sociedade burguesa”. Ora a sociedade burguesa, o mundo burguês, a cosmovisão burguesa são rótulos para classificar o que está aí como forma de convivência e mundividência de hoje e de algum ontem, historicamente definido.

Um dos traços caracterizadores dessa forma de ser e de estar burguesa parece ser um jogo de aparências (ou, se quisermos uma imagem mais literária, “de espelhos”), que lhe faz transparecer alguma insinceridade, algo de postiço e escamoteado ou escondido. Desde logo, para os mais materialistas e revolucionários, o seu pecado original de acumulação do capital, a questão da propriedade privada, que já Rousseau tinha feito emergir:

*Le premier qui, ayant enclos un terrain, s'avisa de dire: Ceci est à moi, et trouva des gens assez simples pour le croire, fut le vrai fondateur de la société civile. Que de crimes, que de guerres, de meurtres, que de misères et d'horreurs n'eût point épargnés au genre humain celui qui, arrachant les pieux ou comblant le fossé, eût crié à ses semblables: Gardez-vous d'écouter cet imposteur; vous êtes perdus, si vous oubliez que les fruits sont à tous, et que la terre n'est à personne*³.

Certamente que o mundo burguês (e os mundos que o imitam) só consegue sobreviver graças à hipocrisia, pelo menos uma certa dose dela. Não me refiro à gigantesca hipocrisia do “estuda e serás alguém” ou “trabalha e serás rico” que têm muito de semelhante, vistas as coisas em grande escala, com o “Arbeit macht Frei” dos campos de concentração nazi. Há alguma verdade nesses lemas, evidentemente, mas em termos globais é uma forma de iludir, alienar o público em geral. Já o poeta popular António Aleixo referia este tipo de procedimento, enganar com alguma verdade:

*P'ra mentira ser segura
e atingir profundidade,
tem que trazer à mistura
qualquer coisa de verdade*⁴.

² LA FONTAINE – *Fables*, I, 10.

³ ROUSSEAU, Jean-Jacques – *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*, II, 1.

⁴ ALEIXO, António – *Quadras da Mentira e da Verdade*, ed. online: <https://temposdecolera.blogs.sapo.pt/antonio-aleixo-69717> (consultado em 28 de fevereiro de 2024).

Nem estudar, só por si, guinda alguém a altos lugares, à fama ou ao poder, ou ainda ao proveito material, nem o trabalho enriquece por si apenas (vejam-se os escravos), nem, evidentemente, os prisioneiros dos campos de concentração eram libertados por trabalharem muito.

Não é desse tipo de hipocrisias que falamos. Aliás, seria muito interessante analisar os dísticos que Salazar mandou afixar nas escolas, bibliotecas e outros lugares afins em 1932, ano anterior ao plebiscito que fez aprovar a sua Constituição⁵. Aí se encontram preciosidades da ideologia burguesa *sub specie* mais autoritária, mas ainda em muitos aspetos subsistente. Não é esse, porém, o nosso presente escopo...

Dizia que parece haver no aparente *decorum* burguês uma essencialidade de quem segura as colunas do templo, como Sansão. Se esses fundamentos soçobrarem, tudo estará perdido.

Além daquelas metanarrativas de ilusão, há pequenas mentiras, ou melhor, micro acomodações da realidade. Alguns lhe chamavam antigamente “mentiras piedosas”. Talvez alguns ainda o façam... Mas não existem apenas essas, quais pecados que salvariam... Tanto às vítimas da mentira, quanto aos mentirosos. *Felix culpa!*

II

Perseverança nos Erros

Sejamos por um momento mais profundos, mais radicais. É por mera comodidade (evitando, em geral pela simples regra do menor esforço, ir mais longe na análise) que se diz “mundo burguês”. O mundo aristocrático, que o precedeu, não estava ele também pleno de rabos de palha, narizes de cera, gatos escondidos com o rabo de fora? E, indo mais longe: o mundo antigo, os próprios grandes impérios, como Roma e os anteriores, todas essas formações sociais e modos de produção que espelhavam (se quisermos usar léxico marxiano), não continham, sempre, respeitos humanos, embustes, tibiezas, artifícios, ciladas, traições, mentiras, exploração e maiores ou menores ilusões? Claro que sim. Corrijamos, por favor: onde falamos de “mundo burguês”. É o mundo, é do mundo *tout court* que falamos. A espécie humana parece não conseguir viver sem espelhos e máscaras.

Não sejamos tão severos para nós próprios. Certamente ainda são muitas dessas encenações o que vai livrando de maiores, mais perenes, graves, frequentes e extensos conflitos, querelas e mesmo guerras.

A sabedoria humana é sinuosa, e a frase de Cícero sobre uma História mestra da vida⁶ é aparentemente falsíssima. Não parece aprendermos nada. *Nihil novi...!*

Mas, deve dizer-se, ponderadamente, que sim e que não. Além de haver vários tipos de “alunos” da vida e da História (diverso género de pessoas), há pelo menos a impressão de que continuam alguns a querer concórdia e Paz. Sempre há quem a almeje. Certo, porém, é que não sabem como a encontrar. Neste exemplo da guerra e da paz, de evidente atualidade, até a mais sábia das receitas (*si vis pacem para bellum*) acaba por aconselhar ao pacifista que, por mor da paz, saiba bem preparar a guerra. E assim ser dissuasor de possíveis agressores.

⁵ Cf. o nosso *Raízes da República. Introdução Histórica ao Direito Constitucional*, Coimbra, Almedina, 2006, p. 366 ss..

⁶ CÍCERO – *De Oratore*, II, 3: *Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?*

Não temos mesmo aprendido muito, isso é bem verdade. Pelo menos muitos de nós, e importantes setores de entre nós. Ou seja, como um todo, a Humanidade persiste nos mesmos erros. *Perseverare, diabolicum*.

III

Política, Atitudes e Valores

Impõe-se bastante agilidade mental, e jogo de cintura psicológico. Quem for muito literalista, ou subjugado a ditames férreos de uma ética rigorista e detalhista (o que é diferente da retidão virtuosa – pois a virtude está no meio, como bem explicou já Aristóteles, nas suas *Éticas* (deve dizer-se no plural) a *Nicómaco*⁷), terá dificuldade em compreender sequer muito do que se diz e do que se passa.

As pessoas mais atentas e / ou mais intuitivas, porém, se não tiverem casulos cognitivos ou axiológicos apear-lhes os movimentos de intelecção e de ação, irão insensivelmente compreendendo que “nem tudo o que reluz é ouro, nem tudo o que balança cai”. Esse samba *Pode ser que não seja*, de Jorge Veiga, é uma preciosidade para se compreender o jogo de aparências, o fenómeno e o nómeno ou númeno. O direito e o avesso da realidade.

O próprio jogo da palavra e do silêncio, das reticências, da ironia, do sarcasmo, com as expressões faladas e com a linguagem corporal que acompanha, reiterando, modulando ou desmentindo o que se diz, de forma querida ou não apercebida sequer, tudo isso as pessoas mais observadoras ou mais intuitivas vão entendendo, criando-se assim uma interseção entre planos de realidade real e realidade ficcionada.

Poderíamos como que redescrever esta questão no mundo mais especificamente filosófico. Por exemplo: Edmund Husserl, nas suas *Meditações Cartesianas*, chama desde logo a atenção para a revolução empreendida por Descartes, cujo método (e escopo) não é mero exercício expositivo nem apenas a si dizendo respeito (como pretende em certo passo dizer), mas uma interpelação geral para cada um “bem conduzir a sua razão e procurar a verdade...”. Implicando e convocando, pois, todas e cada uma das pessoas.

A dado passo, afirma o grande filósofo da fenomenologia (fala de quem quer tornar-se filósofo, mas não é apenas isso: é qualquer um que queira realmente pensar e ver a realidade com olhos não nublados, não enganados – e hoje isso é cada vez mais um imperativo, atentos os atentados e o desprezo pela “verdade”, e, desde logo, pelos factos):

*En premier lieu, quiconque veut vraiment devenir philosophe devra ‘une fois dans sa vie’ se replier sur soi-même et, au-dedans de soi, tenter de renverser toutes les sciences admises jusqu’ici et tenter les reconstruire. La philosophie – la sagesse (esta equivalência não é inocente, antes muito significativa) – est en quelque sorte une affaire personnelle du philosophe*⁸.

⁷ ARISTÓTELES [ARISTOTE] — *Ethique à Nicomaque*, tr. fr., 6.ª tiragem, Paris, Vrin, 1987.

⁸ HUSSERL, Edmund – *Méditations cartésiennes*, trad. fr. de G. Peiffer e E. Levinas, nova ed., Paris, Paris, Vrin, 1992, p. 45.

Ver a realidade “claramente vista”, sem filtros, sem mentiras, sem mistificações, sem alienações é a tarefa também do cidadão, *tout court*. Não precisa de ser filósofo para experimentar essa necessidade de sentido e espírito crítico.

Voltemos ao plano mais chão das coisas quotidianas. Talvez alguns problemas psicológicos sofridos por alguns possam ter como raiz uma deficiente gestão da integração num todo e uma difícil convivência com a complexidade destes discursos e práticas contraditórias, mas parcialmente coincidentes.

O cidadão tranquilo e de bem consigo e com o mundo não será acomodaticio, muito pelo contrário: deve estar de bem com esta complexa e esquiva realidade, até enganadora, mas permanentemente esforçando-se por se aperfeiçoar e contribuir para um mundo melhor. Não há que se desesperar com a hipocrisia, a mentira, o embuste, que tanto costumam chocar (pelo menos aparentemente) e por vezes levar a más escolhas, desde logo à abstenção pretensamente “ética”, os eleitores em vésperas de escolhas nas urnas. Há que investir muito (e não só financeiramente, sobretudo em pessoas e na sua ação formativa) na educação e num ambiente social sadio, que torne cada vez mais residuais os embustes políticos, mas também sociais em geral. Que consiga criar nas mentalidades a ideia de que o crime e a mentira não compensam, não trazem felicidade, etc. Mas, para isso, evidente se torna que na sociedade tem de imperar alguma Justiça Social ao menos, sob pena de a cobiça dos bens alheios dos possidentes (pelo menos essa) ser sempre um incentivo à saída dos parâmetros da conduta normativa determinada – o elementaríssimo *suum cuique*, que começa com o *alterum non laedere* e o *honeste vivere*⁹.

Mas, para já, há que conviver com essas realidades de desvio (mesmo se desempenhadas eventualmente, agora e logo, por colarinhos brancos e até altos membros da sociedade), que durarão muito tempo ainda.

E nem sequer é muito difícil discernir, ao menos, quais, em cada caso, serão os menos maus. Alguns, mais dados a purismos, recusar-se-ão a escolher apenas o mal menor. E não poucos terão a tentação de não querer sujar as mãos (em eleições ou no trato social): uns não votam e outros não cumprimentam sequer quem consideram não o merecer, por indigno. Mas é uma vitória de Pirro. A abstenção política (como a social) têm como consequência o afastamento dos puristas dessas ágoras, e, como se atribui hoje em dia a Platão (embora as citações em voga, sem indicação do local, não sejam fáceis de encontrar nem na *Politeia*, nem nas obras completas)¹⁰, o preço a pagar por esse distanciamento é que pessoas piores que os abstencionistas acabem por vir a governar, e, evidentemente, a governá-los. Tenha sido o grande filósofo grego a dizê-lo, ou outro (há quem atribua a mesma citação a Arnold Toybee) seria caso para afirmar *cum grano salis: amicus Plato, sed magis amica veritas*. O que mais interessa é, realmente, o acerto da tese. O nome do autor só lhe empresta um pouco da sua real *auctoritas*.

Verifica-se um paradoxo, ou uma reviravolta, nos tempos atuais certamente uma das grandes responsáveis pelo mal e pelo mal-estar político: a subordinação dos valores à pura política, à política *stricto sensu*.

Ao considerar a Liberdade, a Igualdade e a Justiça (e por acréscimo e em demasia, porque não rigorosamente, o pluralismo político, que se inseriria na Liberdade, pelo menos) valores políticos superiores, a Constituição espanhola fez pioneiramente o trânsito explícito do mundo axiológico dos valores para o universo

⁹ *Iuris praecepta sunt haec: honeste vivere, alterum non laedere, suum cuique tribuere*. D. 1, 1, 10, 1.

¹⁰ Cf., v.g., PLATÃO [PLATON] – *Oeuvres Complètes*, ed. fr. com notas de Léon Robin, Paris, Gallimard, Biblioteca da Pléiade, I vol, 1981, II vol, 1985.

jurídico-político da Constituição, que é uma lei – portanto, em termos simples e práticos, da abóbada ética para a realidade normativa vivente do Direito. E subordinou a juridicidade à eticidade, plasmada muito claramente nos referidos três valores, considerados valores políticos superiores – o que implica já uma hierarquia: cremos que superiores no terreno dos valores e superiores também já no plano constitucional – prevalecentes face a princípios e normas jurídicas. Não foi escassa proeza, esta, da Constituição democrática espanhola de 1978.

Ora o que hoje temos é que, independentemente de os textos constitucionais serem mais ou menos (normalmente menos) explícitos, o que na prática ocorre é uma inversão: os valores estão nem sequer abaixo do Direito (o que já seria absurdo e grave), mas até abaixo e comandados por essa política que deles prescinde. Assim colocava a questão já Jacques Ellul:

En réalité ce ne sont plus les valeurs qui nous servent de critère de jugement pour estimer le bien et le mal, c'est le politique qui devient aujourd'hui valeur suréminente par rapport à laquelle s'ordonnent les autres. C'est lui qui, avec ces épigones (nationalisme par exemple), devient la pierre de touche du bien et du progrès¹¹.

IV

Orientação do Espírito e do Discernimento

Na sua *Politique*¹², o sempre agudo Alain comenta, a dado passo, o encontro entre Napoleão e Goethe, e afigura-se-nos que toma o partido do poeta e não o do imperador. Este queria sondar, compreender, o alemão. Mas Goethe era opaco, dir-se-ia que cartesianamente dobrado sobre si mesmo, “haut caché comme une source de fleuve”. Já, por seu lado, o militar francês se apresentava ao outro sem qualquer mistério, como um “técnico universal”, um imperador “sem amigos” e até “sem inimigos”, que não teve verdadeiramente uma corte, autor de decretos fruto da razão, etc., etc. É o comentário a um encontro necessariamente com algo semelhante a uma conversa de surdos. Mas remete-nos para o problema anterior, que referimos: o da velatura, da opacidade, dos diversos tabuleiros em que se jogam as relações humanas, que são jogos de xadrez com regras diferentes, simultâneas e em diversos planos... como se já ficcionou em cinema, e provavelmente já se jogará no mundo real, para mais sendo *imago mundi*.

Imagine-se o grande estratega militar e parece que grande matemático, e até nada mau aprendiz de jurista (veja-se como acompanhou o Código que leva o seu nome, embora obviamente o não tivesse redigido) confuso ante o impenetrável autor do *Fausto*. Como não estará o cidadão comum perante tantas pessoas, coisas, ações, ocorrências? Porque não é preciso ser Goethe para que a alteridade (seja ela humana ou outra) se nos coloque em enigma, ou em espelho, quantas vezes deformador. Indubitavelmente, é preciso que cada um, como forma de higiene e ginástica prévia para o seu espírito, assuma algo de semelhante às quatro grandes regras de Descartes no *Discurso do Método*. Apenas quatro, para não ocorrer como na confusão de excessivas leis, como nos estados:

¹¹ ELLUL, Jacques – *L'illusion du politique*, nova ed., Paris, La Table Ronde, 2004, p. 45.

¹² ALAIN – *Politique*, Paris, PUF, 1962, p. 151 ss..

Et comme la multitude des lois fournit souvent des excuses aux vices, en sorte qu'un état est bien mieux réglé lorsque, n'en ayant que fort peu, elles y sont fort étroitement observées; ainsi, au lieu de ce grand nombre de préceptes dont la logique est composée, je crus que j'aurais assez des quatre suivants, pourvu que je prisse une ferme et constante résolution de ne manquer pas une seule fois à les observer.

Le premier était de ne recevoir jamais aucune chose pour vraie que je ne la connusse évidemment être telle; c'est-à-dire, d'éviter soigneusement la précipitation et la prévention, et de ne comprendre rien de plus en mes jugements que ce qui se présenterait si clairement et si distinctement à mon esprit, que je n'eusse aucune occasion de le mettre en doute.

Le second, de diviser chacune des difficultés que j'examinerais, en autant de parcelles qu'il se pourrait, et qu'il serait requis pour les mieux résoudre.

Le troisième, de conduire par ordre mes pensées, en commençant par les objets les plus simples et les plus aisés à connaître, pour monter peu à peu comme par degrés jusqu'à la connaissance des plus composés, et supposant même de l'ordre entre ceux qui ne se précèdent point naturellement les uns les autres.

Et le dernier, de faire partout des dénombrements si entiers et des revues si générales, que je fusse assuré de ne rien omettre¹³.

Evidentemente, estas regras para a “direção do espírito” encontram no terreno especificamente social e político necessárias transposições e acomodações, que seria, porém, fastidioso e tautológico explicitar aqui.

A primeira regra é, para nós, no contexto que mais nos interessa, a mais importante. Impõe-se-nos uma vigilância apertada sobre aquilo em que acreditamos. E se sempre houve a possibilidade de uma leviana credulidade, agora a questão é mais complexa. Existe um interessante livro (não estamos habilitado a escrutinar o pormenor das suas teses, mas a ideia, em si, é interessante), sobre várias mentiras na História universal mais ou menos canónica que se vai contando... Num passo inicial, afirma a sua autora, depois de ter recordado que foi educada pelos pais a não mentir:

Finally, in the twentieth century, we'll witness the culmination of the lie's evolution, including a mass cover-up of colonial atrocities to propaganda wars, and a piece of fake news that helped kill millions¹⁴.

Não se trata apenas de debilidades do nosso intelecto, dificuldades ou confusões da nossa perceção, filtros interpostos na comunicação e na avaliação dos dados por parte de emoções, ou da própria complexidade e ambivalência dos sinais que nos chegam, aliás cada vez mais complexos pela incapacidade de a educação (formal e informal) preparar hoje para tão vasta gama de códigos contraditórios. Há, além disso, quem deliberadamente nos queira enganar, ludibriar, mentir.

Não é uma divindade simétrica de Deus, um "Trickster", ou espírito enganador, naturalmente uma entidade menor, mas perturbadora. O diabo, que lança a

¹³ DESCARTES, René – *Discours de la méthode pour bien conduire sa raison et chercher la vérité dans les sciences*, 1637, Parte II.

¹⁴ TIDD, Natasha – *A Short History of the World in 50 lies*, Londres, Michael O'Mara Books, 2023, pp. 9-10.

confusão e a divisão é um dos arquétipos dessa classe. Mas não é necessário recorrermos a essas explicações, porquanto está bem à vista que motivações ideológicas, políticas, ou simples perturbações psíquicas de alguns investem no maldizer, caluniar, inventar, mentir. A própria ideia de pós-verdade (que ganha foros de dignidade até acadêmica e cultural) é perigosíssima, porque de alguma forma, para alguns, procura “branquear” essas démarches socialmente danosas e eticamente reprováveis.

Descartes indica-nos, metaforicamente, uma pequena, mas certa, lista sobre a sua própria orientação, de que poderemos sempre, *mutatis mutandis*, aproveitar:

Et enfin, pour les mauvaises doctrines, je pensais déjà connaître assez ce qu'elles valaient pour n'être plus sujet à être trompé ni par les promesses d'un alchimiste, ni par les prédictions d'un astrologue, ni par les impostures d'un magicien, ni par les artifices ou la vanterie d'aucun de ceux qui font profession de savoir plus qu'ils ne savent¹⁵.

Sobretudo são perigosos os últimos...

Recebido para publicação em 22-02-24; aceito em 02-03-24

¹⁵ DESCARTES, René – *Op. cit.*, Parte I.